

A experiência poética, a *outra margem* e a *otredad*

O espírito que conhece as orgias da verdadeira musa nunca irá percorrer esse caminho até o fim, ou supor que o fez: pois ele nunca pode saciar uma ânsia que renasce da própria plenitude da satisfação, eternamente renovada. Imenso e inesgotável é o mundo da poesia, como o reino da viva natureza o é em animais, plantas e criações de toda espécie, forma e cor.¹

Friedrich Schlegel

O assombro é o primeiro dos sentimentos. O que pode ser mais angustiante do que nascer? E em geral deve ocorrer que ele seja o assombro final: o que mais temeroso do que morrer? Nascemos na angústia e morremos na angústia. Entre os dois, o medo quase não nos deixa. O que mais angustiante do que viver? É que a morte é sempre possível, o sofrimento é sempre possível, e é isso a que se chama um vivente: um pouco de carne oferecida à agressão do real. Um pouco de carne ou de alma expostas ali, à espera de sabe-se lá o que. Sem defesas. Sem auxílio. Sem amparo.

Não se refuta um sentimento, e o sentimento de angústia muito menos do que os outros. Que o pior seja de fato possível, sempre possível, quem o pode negar? Certas pessoas parecem separadas da angústia apenas pela pobreza de sua imaginação, como se fossem demais tolas ou por demais inteligentes para ter medo. No entanto, a angústia faz parte de nossa vida. Abre-nos para o real, para a imprevisibilidade do futuro, para a indistinta possibilidade de tudo. Libertar-se da angústia é o que ela própria nos indica suficientemente, pelo desconforto.

Que seria o homem sem a angústia? A poesia, sem a angústia? O pensamento, sem a angústia? Depois, a vida é pegar ou largar, e é disso também que a angústia dolorosamente nos lembra. Que não há vida sem riscos. Não há vida sem sofrimento. Não há vida sem morte, "a morte é um problema dos vivos"² como diria Norbet Elias. A angústia marca a nossa finitude.

A morte nos liberta da angústia, mas sem a refutar. Certas drogas a tratam mas sem a desmentir. Verdade da angústia: somos seres temporais, fracos no

¹ SCHLEGEL, Friedrich. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos*. (São Paulo: Iluminuras, 1994), pág 29.

² ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos*. (Rio de Janeiro: Zahar, 2001), pág 10.

mundo e mortais na vida. Expostos a todos os ventos, a todos os riscos e a todos os medos.

A angústia não pode ser evitada nem curada porque a questão não é evitar, mas sim aceitar, a questão não é curar, mas sim atravessar. Por isso, o ser humano insiste em se lançar ao absoluto. Não se cansa de tentar atravessar essa ponte. De se lançar à *outra margem*, que não está lá porque está aqui mesmo.

O filósofo Martin Heidegger, em seu texto *A que chamamos pensar?*, busca alcançar essa *outra margem* - que está *más alla*, mas também está aqui - tão evidenciada por Paz em *O arco e a lira*, no empreendimento do pensamento.

Heidegger parte de uma descrição do mundo contemporâneo como marcado por uma fuga de pensamento, entendendo o Pensar por uma coisa muito própria, não se referindo ao "pensar" das ciências. O "pensamento" da ciência tem mais a ver com o operar. Assim como a ciência tem a ver com a compreensão de pensar como representar. Em seguida, Heidegger chama a atenção para o fato de que o homem hoje não pensa porque ele está pressionado pela urgência de agir. O homem não pensa porque ele põe a sua reflexão a serviço da produção de respostas que orientem a sua ação. O que suspende totalmente a experiência do Pensar.

Ao fazer um mapeamento do contexto contemporâneo mostrando que há ausência de pensamento, ele utiliza a frase de Nietzsche "o deserto cresce...". Nietzsche aparece tentando escapar dessa definição tradicional do pensamento, como um pensador que está buscando abrir uma passagem para fora desse contexto tradicional. Nietzsche está no fim de uma tradição metafísica buscando lançar uma ponte para fora, para a *outra margem*. Buscando encontrar uma experiência do pensar que não seja representação. Heidegger acompanha e endossa o movimento de Nietzsche de superar essa visão estreita do que é pensar, que é a visão do ponto de vista do *último homem*.

Heidegger procura compreender Nietzsche como aquele autor que descreveu a situação de pobreza da vida do *último homem* e que tentou estabelecer uma ponte na direção do *super homem*, que instauraria uma situação em que a experiência do pensar poderia ser vivida de uma outra forma que não num registro de um pensamento representativo. E Zaratustra seria aquele que conduz ou que anuncia essa passagem. Heidegger acompanha o esforço de Nietzsche de ir além

da matriz tradicional, de ir além da metafísica para em seguida avaliar o sucesso, ou não, do empreendimento de Nietzsche.

Em certo momento do texto, Heidegger procura fazer uma aproximação, que não é muito tranquila, entre o Pensar e o Poetizar:

O dito poético e o dito pensante jamais são iguais (*das Gleiche*); mas são, de vez em quando, o Mesmo (*das Selbe*), a saber, quando o abismo entre poetizar e pensar se abre puro e incisivo.³

Pode parecer absurda a sua afirmação, mas no momento que "o abismo entre poetizar e pensar se abre puro e incisivo", poesia e pensamento são o Mesmo, o que não significa que são iguais, ou seja, não desaparecem suas diferenças. Na igualdade se anulam as diferenças, enquanto que o Mesmo sustenta as diferenças. Ao tentar essa aproximação entre poesia e pensamento, Heidegger se aproxima de Octavio Paz, nos ajudando em nosso questionamento sobre a possibilidade de compreender a relatividade do ser humano que se sabe finito, mas que não se cansa de se lançar ao absoluto.

Será que realmente é possível atravessar essa ponte, fazer essa passagem? Nietzsche teria ficado preso ao modo de pensar da tradição na solução que ele dá na teoria do *eterno retorno*. Heidegger mostra, em seu texto, que o conceito de *eterno retorno* não é suficiente para fazer a passagem que o próprio Nietzsche tinha pretendido, mas endossa a importância da superação pretendida por Nietzsche, de alcançar a *outra margem* - da qual Octavio Paz tanto fala em *O arco e a lira* - de uma forma em que não fiquemos presos aos pressupostos tradicionais.

Tanto Nietzsche quanto Heidegger acompanham Octavio Paz ao procurar atingir essa *outra margem*, atravessar essa ponte, ir além da matriz tradicional do pensamento. O que fica muito próximo da tentativa da poesia e do ser humano de alcançar a *outra margem* que está aqui, de se lançar para fora e ao mesmo tempo em si.

Até que ponto é possível o sucesso desses empreendimentos? Talvez o sucesso esteja justamente na sua impossibilidade ou na sua eterna incompletude. Ou como nos mostra Octavio Paz no "equilíbrio" precário na tensão dos opostos.

³ HEIDEGGER, Martin. *Was heißt Denken?* Tübingen, Niemeyer, 1954. *A que chamamos Pensar?* Tradução do Edgar Lyra.

*

Um dos problemas centrais do pensamento, desde suas origens na Grécia é a questão entre o uno e a pluralidade. A oposição entre ambos - uma oposição indissolúvel, por assim dizer - também apaixonou os indianos e os chineses. Entre a unidade e a multiplicidade, entre o uno e o múltiplo, existe uma oposição que parece insolúvel: o uno não pode ser parte do múltiplo pois nesse caso se desvaneceria, convertido em uns tantos, assim mesmo, se o múltiplo se funde no uno, desaparece. O uno não pode ser senão uno, o múltiplo está condenado a sempre ser múltiplo. A oposição é absoluta e a tentativa por derivar o múltiplo do uno ou a de fundir em uno o múltiplo, viola a lógica. Não é nossa proposta relatar a história desta idéia, afinal não escrevemos uma história da filosofia. Mencionamos sua antiguidade em distintas culturas para sublinhar que é um tema universal que não parou de intrigar os homens desde que começaram a pensar.

Na epígrafe de *O labirinto da solidão*, Octavio Paz utilizou esta passagem de Antonio Machado:

O outro não existe: essa é a fé racional, a crença incurável da razão humana. Identidade = realidade, como se, afinal de contas, tudo tivesse de ser, absoluta e necessariamente, *um* e o *mesmo*. Mas o outro não se deixa eliminar; subsiste, persiste; é o osso duro de roer onde a razão perde os dentes. Abel Martin, com fé poética, não menos humana que a fé racional, acreditava *no outro*, na "essencial heterogeneidade do ser", como se disséssemos na incurável *otredad* que o *um* padece.⁴

Recordamos Machado porque foi ele quem introduziu a palavra *otredad* na língua espanhola, a qual faz parte do repertório da obra de Paz. O pensamento de Machado em torno do um e dos muitos nos ajuda a explorar uma zona pouco discutida dessa oposição: a identidade e a *otredad*. A contraposição entre os dois termos aparece em certos momentos da tradição filosófica do Ocidente e também na oriental, mas Machado a pensou, a viveu e a expressou de uma maneira profunda e inigualável. É notável a influência do pensamento de Machado nas questões abordadas por Octavio Paz.

É inquietante afirmar que o ser é heterogêneo, ou seja, que é diferente de si mesmo. Não somente implica a conversão da unidade em pluralidade - uma ideia

⁴ Antonio Machado, apud Octavio Paz, *O Labirinto da Solidão* pág 9.

que enfrenta grandes dificuldades lógicas - assim como faz do ser cuja essência é ser ele mesmo, outro. No interior da identidade, aparece a *otredad*. A diferença não está lá fora no múltiplo, mas sim dentro, no uno. A contradição é mais grave do que a que opõe o uno ao múltiplo. Além do mais, a contradição parece insuperável: o ser é outro do que ele é. A identidade não se rompe ou se dispersa: ela mesma é dualidade, pois sem deixar de ser o que ela é, ela também é outra. A *otredad* é a diferença dentro da identidade. A unidade não se dispersa ou se espalha: fechada, totalmente, em si mesma, contém o seu contrário. Não o não-ser, mas sim a *otredad*. O nada, o não-ser, são o limite do ser, aquilo que o rodeia e o permite ser. Já o ser, sem sair de si mesmo, se desdobra em outro. A afirmação conturba: o outro não é o nada nem o não-ser, mas sim uma dimensão do ser.

*

Em uma de suas mais interessantes passagens, Octavio Paz descreve o sentimento mexicano do século XX. Ele diz assim:

O mexicano se esconde debaixo de muitas máscaras, que em seguida arranca num dia de festa ou de luto, do mesmo modo como a nação arreventou todas as formas que a asfixiavam. Mas ainda não encontramos a que venha reconciliar nossa liberdade com a ordem, a palavra com o ato, e ambos com uma evidência que já não será sobrenatural, mas sim humana: a dos nossos semelhantes. Nesta busca, retrocedemos uma vez ou outra, para em seguida avançar com mais decisão para a frente. E agora, de repente, atingimos o limite: nuns poucos anos esgotamos todas as formas históricas que a Europa possuía. Só nos restam a nudez ou a mentira. Seguindo-se a este desmoronamento geral da Razão e da Fé, de Deus e da Utopia, já não se erguem novos ou velhos sistemas intelectuais, capazes de abrigar nossa angústia e tranquilizar nosso desconcerto; diante de nós não há nada. Estamos enfim sós. Como todos os homens. Como eles, vivemos o mundo da violência, da simulação e *del ninguneo*⁵: o da solidão fechada que, se nos defende, nos oprime, e que, ao nos esconder, nos desfigura e mutila. Se arrancarmos estas máscaras, se nos abirmos, se, enfim, nos enfrentarmos, começaremos a viver e pensar de verdade. Aguardam-nos uma nudez e um desamparo. Aí na solidão aberta, também nos espera a transcendência: as mãos de outros solitários. Somos, pela primeira vez em nossa história, contemporâneos de todos os homens.⁶

⁵ PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. pág. 172-173.

* Traduzido para o português, por Eliane Zagury como: nenhumacão. Em espanhol *ninguneo* tem o significado coloquial de: menosprezo, indiferença ou falta de consideração por outra pessoa (*nigunear: No hacer caso de alguien, no tomarlo en consideración, Menospreciar a alguien*). Diccionario de la lengua española de la Real Academia Española (DRAE).

⁶ PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão*. pág. 172-173.

É impressionante o parentesco do texto de Octavio Paz, em seu livro que é um retrato do México, do mexicano, com uma passagem da palestra de Orhan Pamuk em agradecimento pelo recebimento do prêmio Nobel:

Em relação ao meu lugar no mundo, na vida, assim como na literatura, meu sentimento básico era que eu estava "fora do centro". No centro do mundo havia uma vida mais rica e mais animada que a nossa, e assim como toda Istambul, como toda a Turquia, eu me sentia excluído. Hoje acho que compartilho esse sentimento com a maioria dos habitantes do planeta.⁷

Esse sentimento, essa mudança de sentimento, de uma situação de se sentir "excluído", "fora do centro", para um se dar conta de que "hoje, acho que compartilho esse sentimento com a maioria dos habitantes do planeta", não é uma característica exclusiva dos turcos, nem dos mexicanos.

Para todos nós, a descoberta de nossa existência como algo particular e intransferível se manifesta como um saber que estamos sós. Entre o mundo e nós se ergue uma muralha transparente e impalpável: a da nossa consciência, aquela descrita por Francisco Quevedo em *Lgrimas de un penitente*.

A descoberta dessa "consciência de si e, o que é mais significativo, a consciência da consciência"⁸ nos condena a viver sozinhos, por outro lado nos condena a ultrapassar a nossa solidão. Todas as nossas iniciativas tendem a abolir a solidão.

A experiência poética é uma das tentativas de superar essa solidão e, ao mesmo tempo, partilha dessa dualidade da condição humana, ter consciência de si e ao mesmo tempo querer sair de si. Ser outro sendo o mesmo, alcançar aquela outra margem lá que, na verdade, está aqui. O poema tem a capacidade de nos fazer recordar o que esquecemos: o que somos realmente. A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original, faz o homem se voltar para si.

⁷ PAMUK, Orhan. *A maleta de meu pai*. IN: PAMUK, Orhan. *Outras cores*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), pág. 459.

⁸ Francisco Quevedo em *Lgrimas de un penitente*
Tradução: "conciencia, y lo que es más significativo: la conciencia de la conciencia."